

"Manifesto Maldoror"

1966 - 7. Lançado durante a 1ª Bienal Nacional de Artes Plástica da Bahia, em dezembro de 1966 e publicado em abril de 1967 na Revista "Los Huevos del Plata" nº7, publicação uruguaia.

Lima, Maurício Nogueira; de Assis, Wolney; Aray, Edmundo; Bar, Decio; de Barros, Sonia; Calzadilla, Juan; Campos, Fernando; Diciaula, Álvaro Roberto; Ferreira, João; Fiker, Raúl; de Franceschi, Antonio Fernando; Hung, Francisco; Maninha; Bastos Martin, Paulo; Pupo Nogueira, Spencer; Ribeiro, Ubirajara M. L.; Rocha, Regastein; Rugiero, Roberto; Soares, Antonio Jaime; Volpon, César; Willer, Claudio.

Na atual situação política brasileira, marcada por um regime autoritário e opressor, uma das questões que ainda não foram devidamente examinadas é de como podem contribuir o artista e o intelectual para combater ou modificar este regime e de quando estão sendo coniventes ou alienados com relação a ele.

Uma forma de alienação e conivência é o silêncio, a ausência de tomadas de posição, a não-denúncia. É o que acontece, por exemplo, com os rapazes que andam realizando "catequeses poéticas" e manifestações semelhantes em áreas cedidas pelas autoridades e protegidos pela polícia. É o caso, também, do jovem poeta que quer "convocar" sua geração em recitais promovidos por senhoras da sociedade. Tais atividades servem para justificar a ordem atual, por seu silêncio frente a ela, e, principalmente, por consistirem em nada mais que uma propaganda de sentimentos bem comportados e atitudes conformistas.

Em um plano mais geral, é o caso de toda uma literatura, frequentemente dedicada aos pais, noiva & Paulo Bomfim, e que se inspira numa tradição de depuração verbal, esteticismos vulgares e

cultivo de lugares comuns. A lírica parnasiana destes supostos "neorilkeanos" e formalista e acadêmica na medida que se caracteriza pela imposição de normas e cânones limitadores da capacidade criadora. Muitos autores já mostraram a relação existente entre estes cânones e formalismos de um lado, e a vigência de regimes autoritários e absolutistas, em análise que se aplica perfeitamente ao caso brasileiro. Isto vale também para movimentos como o Praxismo e o Concretismo, mais restritivos ainda, fornecedores de verdadeiras receitas de como fazer arte.

Ao lado destas modalidades indiretas de submissão existem as tentativas de subordinação direta da arte a posições políticas conservadoras. O exemplo mais flagrante, em nosso país, é dado pelos Críticos Fascistas de Cinema, com suas pressões e gangsterismos junto ao público, exibidores, entidades culturais, financiadores, Itamarati, etc. Infelizmente, porém, tal vinculação da arte a ideias políticas não é privilégio apenas dos nossos extrema-direitistas. Nela incorrem também setores da Esquerda, ao tentarem colocar a arte a serviço de uma transmissão direta de "mensagens" sócio-políticas. Com isto, eles a empobrecem, e caem num sociologismo primário, pois confundem o campo e a linguagem da obra de arte com os do discurso político. O que pretendem através disto é uma arte de comunicação direta com o povo, isto é, uma arte "proletária". Até agora, porém, estes espetáculos de arte "proletária" têm sido frequentados unicamente por um público burguês e bem pagante que com isto busca aliviar sua má consciência frente aos fatos sociais apontados. E é sintomático que estas posições artísticas da nossa esquerda sejam paralelas a uma recusa em examinar problemas verdadeiramente sociais, como o da repressão sexual, e da vigência em nosso país de padrões morais de século XIX, aliás fielmente acatados por estes "reformadores sociais".

Em suma, o que se verifica no panorama artístico-intelectual brasileiro é a desatualização, a ignorância, o mal-entendido justificado

pela situação política atual, a distorção do verdadeiro papel revolucionário e inovador do artista. Em vista destes fatos, os signatários do presente manifesto julgam necessário vir a público para apontar e reivindicar a coerência entre uma atitude de combate e repúdio à pressão política, e o exercício de uma arte livre, imagética, espontânea, transmissora de conteúdos inconscientes, rompendo as fronteiras do racional-cartesiano, e instaurando novas formas de comunicação e pensar, em suma, de uma arte verdadeiramente ameaçadora e solapadora dos fundamentos da Ordem Estabelecida, completando assim o "Transformar a Sociedade" de Marx com o "Modificar a Vida" de Rimbaud, e também dos Românticos, Surrealistas, Hipsters, e demais personagens e movimentos que partiram em busca de uma liberdade total e de uma ampliação das fronteiras do Humano. E para que se chegue a esta coerência é preciso, antes de mais nada, relegar a seu devido lugar de arcaísmo e curiosidade de museu as modalidades pseudo-artísticas que andam por aí a serviço da repressão.